

A Grande festa do centenário da independência de Sergipe

Renaldo Ribeiro Rocha*

The great centennial celebration of independence of Sergipe

Resumo

Este artigo apresenta uma análise dos festejos do Centenário da Independência de Sergipe em 1920, destacando a inauguração da estátua em homenagem a Tobias Barreto, jurista, poeta e escritor. Filho ilustre desta terra, Tobias Barreto foi uma personalidade reverenciada pelos intelectuais que formavam o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe daquele período e responsáveis em grande medida pela construção do monumento. A partir do noticiário de jornais, é reconstituída a história da construção da estátua em bronze. Além disso, é contextualizada a relevância de um monumento enquanto elemento simbólico que traz à tona um conjunto de valores contidos na escolha do lugar onde a estátua foi erguida, a sua própria materialização enquanto fruto da estética de uma época, como também, a trajetória do escultor que a realizou.

Palavras-chave: Monumento; Representações; Memória.

Abstract

This article presents an analysis of the Centenary Celebrations of the Independence of Sergipe held in 1920, highlighting the unveiling of the statue in honor of Tobias Barreto who was a jurist, poet, writer and illustrious of this land, whose memory was revered by intellectuals who formed the Historical and Geographical Institute of Sergipe, largely responsible for its execution. Through the news and the reports published in that period, it was possible to reconstruct the history of the monument in bronze. Moreover, it is contextualized not only the relevance of a monument as a symbolic element which brings out a set of values while choosing the place where the statue would stay, but also its own materialization as a result of the aesthetics of an era and the trajectory of the sculptor who made it.

Keywords: Monument; Representations. Memory.



* Mestre em Geografia pela UFS.
Email: renorocho.rr@gmail.com

Os eventos planejados para a maior comemoração que Sergipe já tinha experimentado andavam de vento em popa. Os festejos relativos aos cem anos de emancipação política de Sergipe da Bahia, em 1920, trouxeram à tona um misto de empolgação, orgulho cívico e esperança, em dias melhores, em consonância com as ações e os discursos que os governantes da época enfatizavam, objetivando o ingresso definitivo desse território em um tempo de modernidade. As notícias relativas aos festejos abundavam nos jornais aracajuanos¹ que davam conta da programação e convidavam a população para o maior brilhantismo dos eventos.

Realizar uma festa de proporção expressiva exigiu das autoridades e da intelectualidade sergipana um esforço de mobilização, tendo em vista o alcance desse projeto. Desde fevereiro de 1919, as reuniões no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe objetivavam a formação de uma comissão com a finalidade de executar as propostas dos eminentes membros dessa instituição, como também, daqueles que se somaram com o propósito de colaborar para o êxito daquelas ideias. A referida comissão executiva era formada por membros de destaque da sociedade aracajuana: intelectuais participantes do IHGSE, membros da igreja católica, comerciantes, professores, advogados, desembargadores, militares e voluntários. Por ordem, na ocupação dos cargos, encontravam-se:

- Presidente; Coronel Dr. José Joaquim Pereira Lobo;
- Vice-Presidente; Desembargador Caldas Barreto;
- Secretário-Geral; Coronel José da Silva Ribeiro;
- Tesoureiros; D. José Thomaz Gomes da Silva, Dr. Deodato da Silva Maia, Desembargadores Evangelino de Faro e Antônio Teixeira Fontes, Major Manoel Joaquim Pereira Lobo, Dr. Antônio Baptista Bittencourt, Dr. Gentil Tavares da Motta e o Dr. Luiz José da Costa Filho².

Na reunião do dia 16 de abril de 1919 no IHGSE, ficaram acordadas as propostas para os festejos. Na ocasião, as mais variadas ideias foram levantadas, como, por exemplo, a distribuição de medalhas de bronze como lembrança, o levantamento de uma estátua de bronze, para homenagear o mais ilustre dos sergipanos, Tobias Barreto. Houve também a “solicitação da colaboração de todos os intelectuais sergipanos, residentes no Estado e fora dele, para escreverem memórias sobre o magno assunto, as quais serão publicadas em número especial da Revista do IHGSE”. Além da con-

1 Para verificar as notícias relativas às comemorações do Centenário de Independência de Sergipe consultar os seguintes jornais: *A Cruzada* (31 de outubro de 1920, p. 2-3), *Correio de Aracaju* (29 de agosto de 1920, p. 2), *Diário Oficial do Estado de Sergipe* (29 de outubro de 1920, p. 1-5).

2 *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Tipografia Comercial, Aracaju, 1920. Ano V, n. 9, vol. V. p. 19-20.



fecção da nossa carta geográfica, o álbum agrícola, industrial, político, literário e econômico de Sergipe também seria publicado. O Coronel Sabino Ribeiro propôs uma exposição dos produtos industriais e agrícolas, e o Dr. Álvaro Silva sugeriu a confecção da bandeira oficial de Sergipe.³ Nos dias das comemorações, outras atividades foram realizadas com o objetivo de levar a população a participar efetivamente dos festejos. Assim, o baile popular, no cinema Rio Branco, a parada militar, a batalha de confetes na Praça Fausto Cardoso, as missas, além da regata no Rio Sergipe e a exposição-feira, compuseram os eventos em que o povo interagiu, de forma mais direta, naqueles cinco dias que marcaram o cotidiano da capital.

Dos acontecimentos desse período, merece destaque o que sacramentou, na memória dos sergipanos, a homenagem ao seu filho mais ilustre, qual seja, a inauguração de um monumento de bronze, na Praça Pinheiro Machado, do grande símbolo da intelectualidade local e de projeção nacional: Tobias Barreto.

Erguer monumentos é algo que tem sido historicamente comum a todas as sociedades. Erguem-se altares de celebração, seus lugares de memória e celebram-se seus ídolos e seus feitos, glamorizando o passado, em maior ou menor grau, visando atender suas necessidades do presente⁴. Tomando por pressuposto essa ideia, além do conceito de representação de Roger Chartier⁵, onde os atores sociais descrevem a realidade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse, deixando, assim, entrever interesses pessoais e de grupo. A análise das fontes tomará esse conceito como um dos elementos norteadores na elaboração do presente artigo, pois consideramos que é essencial a identificação do modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e interpretada a partir da sua materialidade.

Nas sociedades estratificadas, há uma tendência de afirmação de uma memória que atenda aos interesses das elites ou de grupos dominantes que trazem a público os seus ideais de estética e representação daquilo que é visto como importante. É significativo lembrar que desde o final do século XIX até o início do XX, a escultura pública constituiu o recurso central de expressão dos monumentos. Aracaju, nas duas primeiras décadas do século passado, não era uma capital dotada de muitos monumentos públicos. Podemos elencar, seguramente, como os mais expressivos, aqueles construídos em homenagem a Inácio Joaquim Barbosa (um obelisco de granito, feito pelo escultor Lorenzo Petrucci), a estátua de Faus-

3 Idem. p. 20-5.

4 LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

5 CHARTIER, Roger. *A história cultural entre prática e representação*. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: Difel, 1990.



to Cardoso (por Lorenzo Petrucci), e a escultura do Monsenhor Olímpio Campos (por Rodolfo Bernardelli). Diante da escassez de símbolos públicos nas praças de Aracaju, tornou-se oportuno, no bojo das comemorações do centenário, exaltar a figura de Tobias Barreto, que elevou a ideia da sergipanidade graças aos seus talentos intelectuais e trajetória de vida como professor da Faculdade de Direito em Recife.

No jogo simbólico que as esculturas apresentam, verificamos que o espaço onde elas são colocadas fala-nos da sua importância. Segundo Salgueiro,

Ao ocupar os espaços abertos das cidades, a escultura pública, além de tornar-se automaticamente portadora de um caráter político, converte-se em referência de local de encontro ou de reunião aberta, ou mesmo na meta de um simples passeio à tarde ou de fim de semana. Órgãos públicos ou grupos da sociedade que no passado tomavam a iniciativa de erguer uma escultura pública sabiam muito bem o senso de orgulho cívico e de patriotismo que ela poderia despertar na comunidade que circulava à sua volta e via o monumento de perto, com o olhar do pedestre. Não devemos descartar, contudo, o potencial que a escultura pública possui de ser reinterpretada e gerar nova significação com o decorrer do tempo, graças ao fato de que ela apenas “representa” algo fora de si mesma, como também se “apresenta” como um objeto em si, de pedra e bronze, em meio a um imenso universo de tantas outras coisas existentes na cidade⁶.

A praça escolhida como local de homenagem ao dileto filho sergipano foi a Pinheiro Machado⁷, atual Tobias Barreto, que, nos anos vinte, era uma região em pleno processo de expansão, mas que não contava ainda com uma infraestrutura urbana apropriada para receber a escultura do ilustre sergipano, tendo em vista que a praça em questão era usada com maior regularidade pelos jovens da época para a prática do futebol, pelo menos até a inauguração da estátua, em 24 de outubro de 1920, e contava com um número pequeno de casas em seu redor, mesmo com a chegada do bonde a tração animal, em 1915.

6 SALGUEIRO, Valéria. *De pedra e bronze: um estudo sobre monumentos. O monumento a Benjamin Constant*. Niterói: EdUFF, 2008, p. 23-24.

7 Em 8 de Setembro de 1915, foi assassinado no Rio de Janeiro o senador Pinheiro Machado, o político de maior e mais duradouro poder que tivemos. Oliveira Valadão, então presidente do Estado, amigo e correligionário do senador Pinheiro Machado, integrava o esquema por ele montado, reunindo governadores do Norte e Nordeste e políticos do Rio Grande do Sul, para conquistar, em 1918, a presidência da República, que lhe escapara em 1914. Muitas manifestações reverenciaram, em Sergipe a memória de Pinheiro Machado, entre elas a cerimônia de 4 de julho de 1916 em que, junto com a primeira pedra do Grupo Escolar General Valadão, foi enterrado o antigo nome da praça (Praça da Conceição), que passou a ser Pinheiro Machado, cumprindo-se a Lei nº 181, de 22 de novembro de 1915, do poder municipal. PORTO, Fernando de Figueiredo. *Alguns nomes antigos de Aracaju*. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2003. p. 182.



De fato, o erguimento de um monumento sempre foi acompanhado pela percepção social de que o mesmo possuía a capacidade de imprimir dignidade e solenidade à área de sua localização, o que implicava a valorização relativa de alguns lotes urbanos em detrimento de outras áreas da cidade. As praças públicas sempre apresentaram uma vocação para abrigar em seu centro um monumento a que todo o entorno se submete. O erguimento de monumentos públicos motivou o traçado de praças ajardinadas, a criação de canteiros, bem como a organização de espaços com potencial cênico, para especialmente recebê-los.

No Brasil, monumentos erguidos em praças públicas e a decoração na arquitetura de prédios públicos sofreram uma forte influência dos estilos importados da Europa, de modo particular no final dos anos de mil e oitocentos e início do século XX. Na verdade, a maior parte dos projetos importantes e esculturas públicas na Primeira República foi realizada por especialistas europeus que residiam no Brasil ou estavam aqui por uma temporada, de modo particular, os artistas italianos que migraram para São Paulo de forma expressiva nesse período, como Lorenzo Petrucci, autor da escultura de Tobias Barreto, do qual trataremos posteriormente.

Podemos elencar alguns estilos artísticos que influenciaram decisivamente pintores, escultores e arquitetos na elaboração de suas obras. De modo particular, temos:

O Neoclássico: Movimento predominante na arte e na arquitetura europeia do final do século XVIII e início do XIX, caracterizado pelo desejo de recriar o espírito heroico, bem como os padrões decorativos, da arte da Grécia e de Roma. Onde a ordem, a clareza e a racionalidade exerceram um forte apelo na era do Iluminismo, e na França o estilo neoclássico acarretou fortes implicações morais, estando associado a uma mudança na visão da sociedade e a um desejo de reverter a vida cívica de antigos valores romanos.⁸

A Belle Époque: Movimento ocorrido na Europa entre 1871 a 1914. Trata-se de um período em que os conflitos armados, externos ou internos, não perturbaram em profundidade os países da Europa Ocidental que experimentam uma fase de apogeu graças ao progresso econômico e tecnológico advindo da Segunda Revolução Industrial, a prosperidade alcançada pelas metrópoles através da dominação imperialista e a estabilidade interna, decorrente da ascensão da burguesia ao poder político e do jugo férreo imposto ao operariado pelos Estados capitalistas, oportunizou no campo artístico a valorização de um pseudo-refinamento cultural, manifestado através da imitação de padrões já consagrados, mas ameni-

8 *Dicionário Oxford de Arte*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 374.

zado por uma visão mais humanizada de emoções como dor, desolação, desespero dentre outras.⁹

No que diz respeito à fórmula de composição do monumento comemorativo do século XIX e, no caso do Brasil, até os anos trinta do século XX, pode-se dizer que essencialmente o que ocorre é mais uma diversidade de combinações de elementos tradicionais (estátua, pedestal, figuras de canto e figuras de ornamento), em que predomina o tratamento realista da estátua. Os heróis civis reconhecidos publicamente por suas obras e suas ideias foram mais celebrados em posição ereta (numa estátua pedestre, o formato mais popular, ou sentada numa estátua sedestre), ora localizada no alto do pedestal, ora posicionada diante do plinto.¹⁰ Toda a composição cênica tinha por objetivo principal exaltar as ideias, obras e ações do homenageado, visando educar o público e, acima de tudo, oferecer exemplos.

Com a popularização do monumento público em honra a cidadãos civis, a subscrição pública passou a ser um procedimento usual de financiamento para a realização de uma escultura. Em Aracaju, duas experiências foram exitosas nessa questão. A primeira, uma subscrição pública realizada para homenagear o seu herói morto em plena praça que receberia a sua estátua de bronze, foi verdadeiramente um sucesso, considerando a rapidez na arrecadação do valor de 25.500\$000 (vinte e cinco contos e quinhentos mil réis), com a contribuição dos admiradores de Fausto Cardoso em todo Sergipe e além-fronteiras. Segundo Prado,

A análise dessas listas permite apreender o perfil do grupo de pessoas que, com suas doações, contribuíram para a construção do monumento. Essencialmente heterogêneo em sua composição, esse grupo era integrado por comerciantes, operários, padres, dentistas, advogados, farmacêuticos, professores, políticos, etc. Além disso, um dado que impressiona é o grande número de mulheres entre os contribuintes, visto que num universo de um pouco mais de 3.000 assinaturas quase 10% partiam de mãos femininas.¹¹

Outro caso de ação popular bem-sucedida, porém, com uma margem de tempo bem maior na sua execução, foi a subscrição pública da estátua do Monsenhor Olímpio Campos, colocada em marcha a partir de 1907 e só concluída em 1916. Essa empreitada dá-nos uma dimensão das dificulda-

9 RIBEIRO, Josefina Eloina. *Escultores italianos e sua contribuição à arte tumular paulistana*. Tese. Universidade de São Paulo, 1999. p. 513-4.

10 Peça quadrangular lisa, que serve de base a um pedestal ou a uma coluna; base sob a qual se assenta.

11 PRADO, Giliard da Silva. Desenvolvendo um monumento: representações e lutas políticas na construção da memória de Fausto Cardoso. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, 2006. p. 53.



des encontradas em algumas ocasiões, no momento de uma arrecadação que envolvia valores expressivos, como foi o caso em questão. A escultura ficou orçada em 27.000\$000 (vinte e sete contos de réis), estabelecidos pelo contrato entre a “Fundição Indígena e o ateliê de Rodolfo Bernardelli, responsável por vaziar no bronze a estátua, comprometendo-se, porém, a fornecer desenhos e plantas para a construção do pedestal”.¹² A lentidão pode ser entendida em função dos problemas regionais como secas e um certo grau de rejeição à imagem que o homenageado representava, como líder oligárquico que foi, gerando nas Intendências Municipais uma morosidade na arrecadação e posterior envio das listas para a comissão executiva, responsável pela homenagem.

A materialização de um desejo antigo em homenagear o grande filósofo, jurista e poeta já rondava as mentes dos intelectuais sergipanos desde muito, sendo a ocasião mais oportuna, o período das comemorações do centenário, em função do engajamento das autoridades estaduais e municipais, além, dos participantes do IHGSE empenhados em ver no alto de um pedestal aquele que era o motivo de orgulho de todos os sergipanos. Tobias Barreto, no começo dos anos vinte do século XX, era uma espécie de unanimidade regional e nacional, daí a mais justa honraria; forjar no bronze a dignidade austera do intelectual, respeitado pelos seus pares e reverenciado na sua terra natal. Essa empreitada tornou-se de algum modo uma ação reparatória, em função de não haver, na capital, sequer um busto em sua memória. Aquela pareceu ser a melhor ocasião, pois os festejos anunciavam a autonomia do pequeno território, cujos filhos ousavam agigantar-se por conta de suas contribuições em outras paragens.

O processo de construção do monumento dedicado a Tobias Barreto seguiu os trâmites de praxe, porém, com uma abrangência maior, em função da admiração pelo homenageado, que transitava por áreas distintas. A distribuição das listas para as intendências municipais, para os departamentos das Faculdades de Direito, para a Sociedade de Escritores Brasileiros, para os órgãos de repartições públicas, além das contribuições dos sergipanos residentes em outros estados, da classe empresarial sergipana, dos comerciantes e do povo que participava dos eventos promocionais dão-nos uma dimensão desse apelo cívico, que se tornou essa subscrição pública no melhor sentido do termo. A participação do Governo Estadual foi oficializada com a Lei n.º 792, de 4 de outubro de 1920, que estabelecia:

12 Idem. Política e religião amalgamados no bronze: o monumento a Olímpio Campos. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, 2010. p. 136.

Autoriza o governo a despende até a quantia de 150:000\$000 com as festas comemorativas do Primeiro Centenário da Emancipação Administrativa do Estado. O desembargador Simeão Telles de Menezes Sobral, Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe: Faço saber que a Assembleia Legislativa do Estado decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1. Fica o Presidente do Estado autorizado a despende, dentro dos limites de cento e cinquenta contos de réis (150:000\$000), a quantia que se fizer precisa para ocorrer as despesas com as festas de comemoração do Primeiro Centenário da Emancipação Administrativa do Estado.

Art. 2. Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe. Aracaju 4 de outubro de 1920, 32º da República.

Simeão Telles de Menezes Sobral.¹³

Iniciado o processo de distribuição das listas de arrecadação, já em 1919, uma questão precisava ser definida, quem seria o responsável pela confecção da escultura em bronze. O nome trazido à baila já era conhecido dos membros do IHGSE, em função dos seus trabalhos executados em Sergipe. O nome de Lorenzo Petrucci foi uma escolha que se ajustava ao gosto dos organizadores dessa homenagem. Um contrato no valor de 35:000\$000 (trinta e cinco contos de réis), divididos em três parcelas, foi celebrado, no dia 12 de fevereiro de 1920, entre o escultor, representado por Bellando Bellandi, e a Comissão Executiva para os festejos, sendo a primeira parcela no valor de 10 contos no ato do contrato, 10 contos quando a estátua chegasse a Aracaju e 15 contos quando os trabalhos de colocação da estátua no pedestal estivessem concluídos.



Foto 1: Lista de arrecadação para a escultura de Tobias Barreto.

LISTA N. 1

	NOMES	Quantia
1	Plumbeiro de Ubu Vera	5000
2	1º Joz. de Almeida Chaves	5000
3	Lucas José de Souza	5000
4	Plumbeiro Lourenço Lebrão	5000
5	1º Joz. de Almeida Chaves	5000
6	Luiz Joaquim Alves P.J.	5000
7	1º Joz. de Almeida Chaves	5000
8	Marcelo Leite da Silva	5000
9	Alfredo José de Santiago	5000
10	1º Joz. de Almeida Chaves P.J.	5000
11	Pelo Figueira P.J.	5000
12	Nicolau Bispo de Santa Rosa	5000
13	Abílio Almeida	5000
14	Antonio Costa	5000
15	1º Joz. de Almeida Chaves	5000
16	1º Joz. de Almeida Chaves	5000
17	Joaquim Almeida Chaves	5000
18	1º Joz. de Almeida Chaves P.J.	5000
19	Felipe Gomes Santiago P.J.	10000
20		100000
Total.....		100000

N. B.—O producto desta lista deve ser remetido ao Sr. Coronel José da Silva Ribeiro, Thesoureiro da Comissão do 1.º Centenario da Independencia de Sergipe.

Aracaju, 16 de Abril de 1910.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, cx. 32.

Foto 2: Lista de despesas com a exibição de filme para a escultura de Tobias Barreto.

CINEMA RIO BRANCO
EMPRESA J. BARRETO
ARACAJU - SERGIPE - BRASIL

CINEMA RIO BRANCO
Empresa J. Barreto

Despesas de Contrato de "FILM"	100\$000
Aluguel da CASA (DIARIO)	16\$500
Despesas de Empregados (DIARIO)	14\$500
Despesa de LUZ (DIARIA)	5\$000
	RS. 136\$000

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, cx. 32.

Fotos 3, 4 e 5: Contrato celebrado entre Lorenzo Petrucci e a Comissão Executiva do Monumento a Tobias Barreto.

27

Primeiro traslado de escriptura
 ra de empreitada que faz Louren-
 zo Petrucci com o Vice-presidente
 da Commissão Executiva do Monu-
 mento ao Dr. Tobias Barreto de Me-
 nezes, commemorativo do Centenario
 da Independencia Política de Ser-
 gipe, o Desembargador Dr. Manoel Cal-
 das Barretto Netto, pelo preço de \$5:000\$,
 tudo como abaixo se declara:

Sabam quantos esta publica escriptura de em-
 preitada acima, que sendo no anno do Nascimento
 de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e vinte,
 aos doze dias do mes de Fevereiro do dito anno, nesta Ci-
 dade de Aracaju, Capital do Estado Federado de Sergipe,
 em casa de Presidencia do Desembargador Dr. Manoel
 Caldas Barretto Netto, Vice-presidente da Commissão
 Executiva do Monumento ao Dr. Tobias Barreto de Me-
 nezes, commemorativo do Centenario da Independen-
 cia Política de Sergipe, pita a rua de Tabellinas, sob
 n.º 16, desta Cidade, ahí, perante mim Tabelliao, com
 parecerem partes entre si justas e contratadas, a saber:
 como outorgante o escultor Lourenço Petrucci, de mi-
 sidade no Rio de Janeiro, representado por D. Elamdo Del-
 landi, como se vê da procuração lavrada nas mãos
 do Tabelliao do decote officio no Rio de Janeiro, a rua
 do Rosario, Alvaro Rodrigues Teixeira, a qual fica
 registrada e transcripta no Livro de registros de pro-
 curações sob numero dois (2) a fl.º , e como
 outorgada a Commissão Executiva do Monumento ao
 Dr. Tobias Barretto de Menezes, commemorativo do
 Centenario da Independencia Política de Sergi-
 pe, representado neste acto pelo Vice-presidente da dita

dita Commissão e com o Desembargador Dr. Manoel
 Carlos Parreira Netto, magistrado, domiciliado nesta
 cidade, conforme documento também neste acto en-
 tregado ao outorgante, que accetou como habilitado para
 este contracto; por presentes meus conhecimentos e das,
 logo os presentes meus conhecidos e das testemunhas
 abaixo mencionadas e no fim assignadas do que dou
 fe, perante as quaes pelo outorgante e pelo outor-
 gado me foi dito de commun accordo que tem
 convenienciado, e pelo presente e melhores termos
 de direito terminam effectivo o seguinte contracto:
 1.º O escultor Laurengo Petrucci obriga-se a entre-
 gar prompto e excto, no ponto que lhe for indica-
 do nesta Capital o Monumento ao Dr. Tobias
 Parreira de Meneses, seguindo fielmente o pro-
 jecto que emou a Commissão Executiva, por
 photographia, a qual fica uma archivaada, am-
 plificada, ao bilhete de distribuição, observando as
 propostas feitas, cujos termos se compromette a
 respeitar; 2.º O escultor Laurengo Petrucci obri-
 ga-se a entregar o Monumento nas condições
 fixadas na clausula primeira, no dia vinte
 do Outubro de mil novecentos e vinte, mediante
 o pagamento da importância de trinta e cinco
 contos de reis (35.000,00) feitos do modo seguinte: (A)
 o pagamento de uma prestação de dez contos de reis
 (10.000,00) de facto recebida neste acto e da qual da qui-
 tação; (B) o pagamento de outra prestação de igual
 quantia de dez contos de reis (10.000,00) depois de
 achar-se nesta Capital, a obra contractada; (C)
 o pagamento da prestação final de quinze con-
 tos de reis (15.000,00) no acto da entrega do ser-
 viço contractado dentro do prazo e condições fixadas



 Feitas na placula segunda. Esta escriptura pagou de sellos da União petenta mil reis (de sellos) que ficaram inutilizados na forma da lei. O pedido das partes lidas esta escriptura a mim não distribuida a qual feita depois de lida perante todos e achada conforme, aceitaram, outorgaram, do que eu Tabelião sou, fl e assignou com as testemunhas Cyro Silveira e Ludgero Santos, domiciliados nesta Cidade e meus officios. Eu José Euclides de Souza, segundo Tabelião, a escrevi e assigno. Aracaju, 12 de Fevereiro de 1920. O 2º Tabelião, José Euclides de Souza. Aracaju, 12 de Fevereiro de 1920. Bellando Bellandi. Abamel Caldas Parretto Netto. Cyro Silveira. Ludgero Santos. (Sob a data e assignatura do outorgante tem petenta mil reis de sellos da União, inutilizados na forma da lei. Era o que se continha em dita escriptura que foi fielmente trasladada do original em o livro proprio, ao qual me reporto em poder e cartorio, idiga, livro proprio de notas sob n.º 100, a fl.º 56v. 57a e 58a fl. ao qual me reporto em poder e cartorio. Eu José Euclides de Souza, 2º Tabelião a outorguei e assigno em publico e nome de quem se assina.)

 Em test. de verdade,

 O Tabelião





 José Euclides de Souza Tabelião

 Aracaju, Fevereiro 1920

O ilustre sergipano Tobias Barreto de Menezes (7-6-1839/26-06-1889) era natural da Vila de Campos, mulato, filho de Pedro Barreto de Menezes e Emerenciana Maria de Jesus¹⁴. Segundo Barreto,

[...] estudou inicialmente na própria vila seguindo depois para a cidade de Estância onde cursou Latim. Era um jovem com 15 anos, quando conclui em Lagarto, com o Padre José Alves Pitangueira, o curso de Latim. Permanece entre Campos e Lagarto, até ser aprovado em fins de 1856, para a nova vaga de Gramática Latina na vila de Itabaiana, onde permanece até 1859, sendo já portador de uma licença de seis anos, concedida pela Assembleia Provincial para fazer o curso jurídico fora de Sergipe. Somente no final de 1862 empreende viagem para Pernambuco, para cursar Direito na Faculdade do Recife, Tobias Barreto afirma sua condição de poeta, dedicando à cidade, que ele chama de ‘cabocla civilizada’, o poema ‘A Vista do Recife’, entrada triunfal para o condoreirismo que iria marcar sua trajetória poética de romântico da quarta geração.

Em 1869 conclui o curso de Direito, casa-se e deixa Recife e vai para Escada, pequena cidade da zona da mata pernambucana. Advoga, por convite do Juiz dos Órfãos e assume o lugar do Curador Geral dos Órfãos, sendo mais tarde Juiz Municipal substituto. Em 1874 cria seu primeiro jornal, *Um Signal dos Tempos*, que lhe traria dificuldades em função de suas idéias avançadas em matéria de religião, de filosofia e de direito. Em 1878 é eleito deputado à Assembleia Provincial, representando Escada e o Partido Liberal.

Em 1882 realiza o concurso para a cadeira de Lente Substituto da Faculdade de Direito do Recife, onde se torna mentor intelectual da mocidade acadêmica, renovando conceitos filosóficos e jurídicos, a partir da cultura e da ciência alemã, coroando o seu persistente e consciente germanismo, como ferramenta revolucionária. No ano de 1889 edita a segunda edição, ampliada, dos *Ensaio e Estudos de Filosofia e Crítica*. Morreu no dia 26-06-1889, deixando um grande legado e um exemplo de homem público.¹⁵

14 Sobre Tobias Barreto, ver também: Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, *Edição especial consagrada ao centenário de Tobias Barreto (1839-1939)*, Aracaju: Imprensa Oficial, 1939. v. 15; GUARANÁ, Armindo. *Dicionário bio-bibliográfico sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti & C., 1925; Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, *Número especial comemorativo do sesquicentenário de nascimento e do centenário de morte de Tobias Barreto de Menezes (1838-1939)*, Aracaju: Fundação Augusto Franco, 1989. v. 26, n. 30.

15 BARRETO, Luiz Antônio. *Personalidades sergipanas*. Aracaju: Typografia Editorial, 2007, p 16-23.



Foto 6: Cartão de visita de Tobias Barreto.



Fonte: <http://www.facebook.com/l.php?u=http%3A%2F%2Fsergipeemfotos.blogspot.com.br>

A inauguração tão esperada

O dia reservado à inauguração do monumento a Tobias Barreto foi o mais solene: 24 de outubro, data oficial da emancipação política de Sergipe da Bahia. Alguns dias antes, em Aracaju, desembarcavam os restos mortais do homenageado, segundo relato no Diário Oficial:

Descansam, desde ontem, na terra sergipana, transladado do cemitério de Santo Amaro, no Recife os preciosos despojos do grande filósofo, jurista e poeta, Dr. Tobias Barreto de Menezes. O desembarque dos despojos do notável sergipano teve grande solenidade, sendo extraordinário o número de pessoas que acorreram à estação da Estrada de Ferro para recebê-lo. Retirada a urna do vagão, foi esta envolvida na bandeira nacional e coberta de flores. Fez-se majestoso cortejo, sendo a urna conduzida da estação ao Instituto Histórico, pelos exmo. Dr. Álvaro Silva, representante do exmo. Sr. coronel Presidente do Estado, e Dr. Antônio Baptista Bitencourt, intendente do município da capital.

Em frente ao edifício do Instituto Histórico, compacta multidão aguardava a chegada do cortejo estando ali formadas as alunas da Escola Normal que fizeram alas à passagem da

urna funerária. Colocada esta sobre a mesa de trabalhos da presidência do Instituto Histórico. O Sr. Dr. Costa Filho, secretário do mesmo Instituto, lavrou a ata de recebimento dos despojos do Dr. Tobias Barreto, a qual foi assinada por todos os presentes.¹⁶

Em um dia de domingo, finalmente seria inaugurada a estátua tão acalentada por nossos intelectuais. A primeira atividade realizada foi a tradicional alvorada com banda de música em frente à residência do Presidente do Estado, *Te Deum*, na Catedral, parada militar na Praça Fausto Cardoso, e às quinze horas, inauguração do monumento. Os festejos ainda se estenderiam com a realização de um banquete no Palácio do Governo às vinte horas, um baile de grande gala às vinte e duas horas e a continuação dos festejos populares.

Como mencionava os jornais da época, o programa organizado pela comissão central estava sendo cumprido a rigor e, à tarde, em cerimônia concorrida na Praça Pinheiro Machado, foram recebidas as autoridades que

Ocuparam a tribuna, produzindo entusiásticas e brilhantes orações, os seguintes cavalheiros: o Dr. Carvalho Neto, diretor da Instrução Pública, em nome do Instituto Histórico e Geográfico, de que é orador; Dr. Octavio Tavares, pelo município de Campos, berço do grande filósofo; Revmo. Padre João de Barros, Capelão do Hospital Santa Isabel da Bahia; Dr. Manuel dos Passos de Oliveira Telles, juiz de direito da 1ª vara desta capital, e Dr. A. Bensabath, intelectual baiano.

Em homenagem à memória do grande poeta, as alunas dos Grupos Escolares desta capital, decentemente uniformizadas, desfilaram em torno da sua estátua, tendo sido esta por certo uma das notas mais dignas das festas de domingo.¹⁷

O bom andamento das inúmeras solenidades e, de modo particular, a inauguração do monumento foi em grande medida pelo trabalho primoroso do escultor contratado para a execução desse trabalho que se revestiu de tamanha importância para os sergipanos.

16 *Diário Oficial do Estado de Sergipe*, 14 out. 1920, n. 3.370.

17 *Diário Oficial do Estado de Sergipe*, 26 out. 1920, n. 3.492.



Foto 7: Praça Tobias Barreto, na década de 40.



Fonte: <http://www.facebook.com/l.php?u=http%3A%2F%2Fsergipeemfotos.blogspot.com.br>



Um Exemplar da *Belle Époque*: Lorenzo Petrucci e seu Tempo

A cidade de São Paulo, no final do século XIX, estava experimentando uma grande transformação na economia através das conquistas industriais, da evolução dos meios de transportes e comunicação. O aumento populacional anunciava que novos tempos se delineavam. Foi nesse cenário que a burguesia paulistana da República Velha cresceu em número e importância, buscando formas de participação, e iniciando um processo de mudanças que se refletiriam nos hábitos e nos costumes dos paulistanos.

A presença dos imigrantes italianos, nessa cidade, que ansiavam pelo novo e que atuavam nos mais variados segmentos trabalhistas, foi uma das suas marcas mais contundentes. No campo artístico, destacaram-se pintores e escultores que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento das artes plásticas. Nesse cenário urbano de composição étnica variada, nas duas primeiras décadas do século XX, um número significativo de exposições artísticas, coletivas e individuais, nacionais e/ou estrangeiras, começavam a pontuar o cotidiano de São Paulo, oportunizando aos seus cidadãos um contato com o que havia de tradicional e novo nas artes plásticas. Segundo Ribeiro,

A presença maciça de artistas italianos marcou a estatuária e arquitetura paulista, em especial nos edifícios públicos, até fins da década de 20. Assim, a construção civil ganhou grande impulso, mudando a fisionomia da velha cidade de casas de taipa para uma metrópole de tijolos. Um papel relevante nessa transformação coube ao Escritório Técnico Ramos de Azevedo, que buscava no Liceu de Artes e Ofícios a mão-de-obra especializada para executar seus projetos. Praticamente todos esses trabalhadores eram italianos ou italo-bra-

sileiros – pedreiros, pintores, estucadores e serralheiros ou qualquer tipo de artesão ligado ao acabamento e decoração de obras finas.¹⁸

Nesse contexto, insere-se o escultor Lorenzo Petrucci, que nasceu em 1868 na região de Molise, composta pelas Províncias de Campobasso e Isernia.¹⁹ Sua família se estabeleceu em São Paulo, como tantos outros italianos que migraram para o Brasil nos idos dos oitocentos. Não foi possível encontrar informações acerca da sua formação artística. Sabemos, contudo, que o escultor e pintor desembarcou em terras brasileiras adulto e começou a fazer parte do circuito das exposições paulistas desde a primeira exposição coletiva nacional realizada em

25 de julho de 1902, em um edifício localizado no Largo do Rosário, com a presença do presidente do Estado, Bernardino de Campos, a exposição exibiu 406 trabalhos de pintura, escultura, artes industriais, cerâmica, cutelaria, desenho, arquitetura e fotografia, de artistas nacionais e estrangeiros residentes no país.²⁰

Como a maioria dos artistas do seu tempo, Lorenzo Petrucci buscou diversificar a suas atividades artísticas, diante de um cenário, que ainda não oportunizava a todos uma sobrevivência tranquila vivendo apenas da produção artística. Em função disso, na década de 10, ele atuou como professor do Liceu de Artes e Ofícios em São Paulo, com a disciplina de modelagem; ministrou aulas particulares; participou da primeira Exposição Brasileira de Belas Artes de 1911 e da segunda Exposição de Belas Artes de 1913; realizou trabalhos de expressiva importância regional, como o que foi empreendido em Aracaju em 1912 (Escultura de bronze de Fausto Cardoso); o busto de bronze de Anita Garibaldi, em 1913, na cidade de Belo Horizonte; a estátua equestre em bronze do Marechal Deodoro da Fonseca, na cidade de Maceió, em 1913; o obelisco de granito e bronze em homenagem a Inácio Joaquim Barbosa, em Aracaju, em 1917; a escultura em bronze do intelectual sergipano Tobias Barreto de Menezes, em Aracaju, em 1920; além das esculturas tumulares presentes nos cemitérios paulistanos.

Lorenzo Petrucci participou também de concursos para erguer alguns monumentos públicos em São Paulo, como aquele realizado em 1909, em honra à fundação da cidade, não sendo o seu projeto classificado. Já em

18 RIBEIRO, Josefina Eloina. *Escultores italianos e sua contribuição à arte tumular paulistana*. Tese. Universidade de São Paulo, 1999. p. 152.

19 Sobre a família Petrucci, consultar o *Dicionário das famílias brasileiras*, v. 2, São Paulo: Árvores da Terra, 2001. p. 1866.

20 ROSSI, Miriam Silva. Circulação e mediação da obra de arte na Belle Époque paulistana. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. V. 6/7, p. 83-119.

1913, foi realizado um concurso para oferecer à cidade um monumento em homenagem a Giuseppe Verdi. Seu resultado final apresentou Lorenzo Petrucci em terceira colocação. A dinâmica da vida artística em São Paulo nas primeiras décadas do século XX exigia dos seus participantes, uma atuação plural em função da acirrada concorrência entre os artistas. Daí o escultor ítalo-brasileiro ter atuado como escultor na decoração da fachada do Palacete Santa Helena, levantado na Praça da Sé, entre 1921 e 1925, símbolo de um arrojado projeto de modernização do centro urbano de São Paulo, que buscou alinhar o pragmatismo da exploração imobiliária com um grande número de salas pequenas no seu interior, e um tratamento do exterior nos moldes acadêmicos então predominantes.²¹

Em meio a esse campo de disputas, novos ventos sopraram sobre a capital paulista, na medida em que artistas locais e estrangeiros começavam a congregiar ideias que rompiam com uma tradição artística, vista como anacrônica e ultrapassada. O Modernismo dava seus primeiros sinais. Embora tenha sido repudiado por muitos no seu nascedouro, foi ganhando espaço com o tempo, em função do aparato de apoio que a burguesia paulista deu ao grupo organizador do evento que lançou a proposta modernista de maneira mais contundente. A Semana de Arte Moderna, segundo Rossi, “teve pouco de moderno, e nada na sua realização pode ser entendida como uma reação ao *status quo*, como as propostas do grupo pretendiam”²².

O fato é que, as ações decorrentes desse evento acachaparam o trabalho e a notoriedade daqueles que deram à cidade de São Paulo uma contribuição no campo da escultura e pintura. O padrão estético majoritário estabelecido pelo modernismo não se coadunava com aquele experimentado pelos artistas italianos tradicionais, que não fizeram uma adaptação a esse novo estilo, sendo posteriormente legados ao quase esquecimento pelo público especializado consumidor de arte.

21 Sobre o Palacete Santa Helena, ver CAMPOS, Cândido Malta; SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo. *Palacete Santa Helena: um pioneiro da modernidade em São Paulo*. São Paulo: Editora SENAC: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

22 ROSSI, Míriam Silva. *Circulação e mediação da obra de arte na Belle Époque paulistana*. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. V. 6/7, p. 96.

